



TRANSMISSÃO DE SABERES ETNOBOTÂNICOS NA ETNIA JENIPAPO-KANINDÉ, AQUIRAZ, CEARÁ

Leidiane Priscilla de Paiva Batista¹, Edson Oliveira de Paula², Tharcia Priscilla de Paiva
Batista Matos³

¹ Universidade Estácio de Sá/ leidianepiscilla@gmail.com

² Universidade Estácio de Sá/ edsonoliveira@gmail.com

³ Universidade Estadual do Ceará/ thpris@gmail.com

TRANSMISSION OF ETHNOBOTANICAL KNOWLEDGES IN THE ETHNIC JENIPAPO- KANINDÉ, AQUIRAZ, CEARÁ

RESUMO

Comunidades tradicionais transmitem seus saberes ao longo de gerações, consolidando o seu próprio processo educacional. Os conhecimentos etnobotânicos das populações se constroem no processo de produção e reprodução social, através da relação que desenvolvem com recursos da flora que manejam. Diante do exposto, objetivou-se compreender como a comunidade realiza o seu próprio processo de Educação Ambiental. O trabalho foi realizado com a etnia Jenipapo-Kanindé, localizada no município de Aquiraz, Ceará. Realizou-se visitas e entrevistas aos moradores, que narraram histórias de seus antepassados, relatando a transmissão de saberes etnobotânicos. Notou-se que as relações estabelecidas entre estes índios e o ambiente são complexa e expressam a intensa ligação entre esses índios e a natureza. Nestes termos, observou-se que as classificações dos recursos naturais são influenciadas pelos usos, indicações sociais e relações estabelecidas entre um determinado grupo e o meio em que ele habita. Nos relatos, percebeu-se a construção de uma consciência que reconhece a possibilidade das relações de dependência entre homem e meio. Concluiu-se que a etnia indígena Jenipapo-Kanindé realiza educação ambiental de caráter popular expressado na transmissão de saberes etnobotânicos sobre as plantas medicinais ao longo das gerações.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Etnoecologia, Comunidade Tradicional.

ABSTRACT

Traditional communities transmit their knowledge over generations, consolidating their own educational process. The ethnobotanical knowledge of the populations is constructed in the process of production and social reproduction, through the relationship they develop with resources of the flora they manage. In view of the above, the objective was to understand how the community carries out its own process of environmental education. The study was carried out with the ethnic



Jenipapo-Kanindé, located in the municipality of Aquiraz, Ceará. Visits and interviews were conducted with the residents, who narrated stories of their ancestors. It was noted that the relations established between the Jenipapo-Kanindé Indians and the environment are complex and express the intense link between these indians and nature. In these terms, it was observed that the classifications of natural resources are influenced by the uses, social indications and relations established between a particular group and the environment in which it resides. In the reports, it was perceived the construction of a consciousness that recognizes the possibility of the relationships of dependence between man and half. It was concluded that the indigenous group Jenipapo-Kanindé performs environmental education of popular character expressed in the transmission of ethnobotanical knowledge about the medicinal plants over the generations.

Keywords: Environmental Education, Ethnoecology, Traditional Community.

INTRODUÇÃO

A educação ambiental é importante para a compreensão de mundo e para garantir uma prática sustentável entre a relação ser humano e natureza. Este tipo de educação acrescenta a compreensão das relações entre sociedade e natureza à educação de uma forma geral (CARVALHO, 2004). Entretanto as comunidades tradicionais são portadoras de saberes ambientais e, ao transmitirem estes saberes ao longo das gerações realizam o seu próprio processo educacional: uma educação ambiental realizada no seio da comunidade sem a presença de um educador externo e estranho a mesma.

Partindo-se do conceito de saber tradicional para entender o processo educativo comunitário, podemos expressá-lo como um conjunto de conhecimentos comuns a uma comunidade; importante à sobrevivência de seus componentes; construídos historicamente em determinada localidade por ação coletiva e transmitidos às gerações seguintes durante atividades do cotidiano comunitário. Nesse sentido, o conhecimento tradicional pode ser definido o como o saber e o “saber-fazer” com relação ao mundo natural e sobrenatural transmitidos por tradição oral ao longo de gerações (DIEGUES, 2007). Ou seja, é constituído por meio de um processo histórico e transmitido a partir dos ensinamentos dos mais velhos durante práticas diárias (SANTANA & GRANDO, 2008). Assim, é importante frisar o papel dos idosos como principais detentores do saber dentro de uma sociedade tradicional.

Entretanto é preciso esclarecer, como afirma Roué (1997, p. 74), que “os povos tradicionais estão longe de ter vivido sempre em harmonia com a natureza; utilizaram, às vezes, seus recursos naturais de maneira abusiva”. Mas apesar de algumas atividades tradicionais acarretarem danos



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

ambientais, na maioria das vezes, as populações tradicionais ocasionam impactos pequenos ao meio ambiente (BARELHO & CORPETINO, 2007). Assim, evitando-se essa variante ecológica do romantismo (LITTLE, 2002), devemos estar cientes que, por vezes, uma proposta de educação ambiental formal se faz necessária em uma comunidade tradicional. No entanto, por que não levar em consideração os conhecimentos ecológicos da própria comunidade na educação ambiental dos jovens? Por que não considerar educação ambiental o processo educativo mútuo entre os componentes de uma comunidade tradicional? Será realmente que é preciso um educador externo e estranho à comunidade para a realização desse processo?

Os saberes tradicionais ou conhecimentos etnoecológicos das populações ditas tradicionais são construídos para além da instituição escolar, isto é, durante as atividades diárias dessas populações, aqui, podendo mesmo ser considerados uma tradição da educação popular, por meio da qual o processo de ensinar-e-aprender acontece no tecido rotineiro da vida cotidiana de todo e qualquer grupo humano (BRANDÃO, 2017). Assim, por todos os motivos já elencados, defende-se aqui que uma comunidade tem o seu próprio processo de educação ambiental, no qual os jovens aprendem sobre ecologia de forma integrada com o seu cotidiano ao serem educados pelos componentes de idade mais elevada dessas populações. Esse tipo de educação, classificado como popular, acontece muitas vezes de forma inconsciente, quando mesmo não tendo o intuito de ensinar-aprender, os participantes desse processo se educam mutuamente.

Nesse sentido, aprender na comunidade é principiar a vivência no mundo comunitário e nos seus rituais, iniciando-se desde a infância e seguindo ao longo da vida da pessoa. Em uma comunidade indígena, o ensino dos conhecimentos comunitários compete a todos, concretizando-se a partir da convivência entre as gerações durante atividades diárias como pesca, caça, lazer e colheita. Dessa forma, a comunidade é o espaço de reprodução da memória oral, no qual o coletivo é constituído a partir das práticas cotidianas (MUNHÔZ, 2003). De acordo com este autor, as comunidades indígenas como herdeiras de acervos de saberes tradicionais, sugerem à humanidade um exemplo de integração com a natureza, que resiste aos avanços econômicos e ao desrespeito cultural por parte da sociedade hegemônica.

No Ceará, entre as etnias indígenas temos a Jenipapo-Kanindé, localizada no município de Aquiraz. Esta comunidade ocupa uma área de 1.100 ha em volta de uma lagoa costeira: a Lagoa Encantada. Seus membros residem em casas de palha, taipa ou tijolos. Como atividade de subsistência, os homens pescam com caçuar na Lagoa da Encantada, além de cultivo de verduras e mandiocas próximo a lagoa (SOUSA, 2007).



Por conta de seu modo de vida, a etnia Jenipapo-Kanindé é considerada como uma comunidade tradicional. Entretanto, ela não apresenta diferenças marcantes com relação a outras populações pesqueiras ou agrícolas do nordeste brasileiro. Isto é justificado pela constante interação dessa etnia com a população não índia. Logo, não é possível imaginá-los esteticamente como índios coloniais ou como alguns grupos indígenas da Amazônia (SOUSA, 2001). Em contraposição, essa população continua identificando-se como indígena e se sentido como tal, pois “não é o diálogo cultural que elimina os povos, suas identidades e suas culturas” (SOUSA, 2007, p. 132).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Durante quatro visitas, variáveis entre um e quatro dias, à comunidade indígena Jenipapo-Kanindé, foram entrevistados vinte moradores, entre os mais antigos da comunidade, uma vez que, partiu-se do pressuposto que são estes os principais portadores de saberes sobre o uso de plantas medicinais. Os critérios para escolha dos entrevistados foram a idade, o fato de ter nascido e/ ou pelo menos ser habitante antigo do local.

O método *Bola de Neve* de Bailey (1987), que consiste em solicitar aos entrevistados a indicação de participantes de acordo com os critérios estabelecidos pelo entrevistador, foi aplicado na escolha dos moradores entrevistados. Outro método aplicado foi a entrevista parcialmente estruturada, que possui tópicos fixos e tópicos passíveis à redefinição ao longo da pesquisa a fim de direcionar a conversa para o objeto pesquisado (VIERTLER, 2002). Com isso, os entrevistados eram convidados a dialogar sobre o uso de flora local para fins medicinais.

O registro das entrevistas se deu por meio de diário de campo e de gravação das mesmas. Este último registro só foi feito nos casos permitidos pelos entrevistados. É preciso esclarecer que, por questões de ética e de segurança, a identidade dos entrevistados foi preservada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre as plantas não cultivadas encontradas naturalmente no ambiente, foram feitas referências a oito plantas com poderes medicinais, entre elas uma foi citada como abortiva. São elas aguapé (*Eichhornia crassipes*), almesca (*Protium heptaphyllum*), ameixa-selvagem (*Ximenia cafra*), batata-de-purgo (*Operculina alata*), cabeça-de-negro (*Caput nigri*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), juá (*Ziziphus undulata*), jurubeba-branca (*Solanum* sp.).

Ao longo das entrevistas, os moradores narraram histórias de seus antepassados, relatando como estes transmitiram saberes etnobotânicos ao longo das gerações ao fazerem uso de plantas



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

para o tratamento de doenças. Este processo é antes de tudo educativo, despertando historicamente nos moradores da comunidade o respeito à natureza e o manejo ecológico dos recursos ambientais.

“No nosso tempo aqui, a mamãe fazia o seguinte. (...) Tirava aquela casca (do tronco do jatobá), botava no sol pra secar. Quando tava seca botava de molho. Cortava os pedacinhos e colocava de molho. Ai botava no sereno. A noite assim em cima da casa. Ai pegava o sereno. Quando era de manhã tomava. Quando tava gripado. Porque naquele tempo a gente chamava a gripe era de frustrô. Ai tomava aquele remédio de manhã. Bebia um copo, aí ia pra lagoa tomar banho” (Jenipapo-Kanindé, 73 anos).

Nesta citação é perceptível que, além de conhecimentos sobre o uso medicinal do jatobá, o ecossistema da Lagoa da Encantada também compõe o processo de cura da doença (*aí ia pra lagoa tomar banho*). Uma vez que a relação entre os índios Jenipapo-Kanindé e o ambiente é bem mais complexo do que a simples apropriação dos recursos naturais. Este processo, que lembra até mesmo um ritual, expressa a intensa ligação entre esses índios e a natureza. Assim, o conhecimento indígena é considerado cotidiano, não devido ao seu desenvolvimento e uso acontecerem de forma isolada, e sim porque a sua construção e transformação se dá num intrínseco envolvimento entre o indivíduo e a natureza, no qual o respeito é praticado (BROSTOLIN & ALBUQUERQUE, 2010), cultivando estratégias sustentáveis de uso dos recursos ambientais.

A planta cabeça-de-nego encontrada nas matas do território Jenipapo-Kanindé foi apontada como possuidora de propriedades abortivas. No entanto, um entrevistado adverte que seu uso além de causar o aborto pode causar a morte da mulher que a utiliza:

“A cabeça-de-nego, ela é uma batata que é selvagem e é encontrada no mato mesmo. Minha mãe dizia que as mulher usavam naquele tempo. Ela é muito amargoso. Agora é violento. Dizem que a menina que tomava, que se achasse grávida e quisesse jogar o menino fora, ela tomava. Só que era perigoso, podia ir a criança e ir ela ” (Jenipapo-Kanindé, 73 anos).

A narrativa do morador leva-nos a crer que a planta não é mais utilizada para esses fins atualmente. No entanto, como portador dos saberes transmitidos por sua mãe e quem sabe por outras mulheres da família, este morador alerta, em caráter educativo, sobre o risco de morte para as mulheres que resolverem tomar a erva.



Ao seu tempo, o aguapé é uma planta nativa da América do Sul, que foi introduzida nos ecossistemas lênticos do Nordeste brasileiro. Segundo os entrevistados, essa planta pode ser encontrada na Lagoa da Encantada e apresenta uso medicinal, servindo para curar inchaço no queixo causado por dores de dente.

De acordo com alguns entrevistados, a almesca, apesar de seu fruto não ser comestível, possui propriedades presentes na casca de seu tronco com ação analgésica. No mesmo sentido, ameixa selvagem tem fruto comestível e sua raiz é utilizada para auxiliar na cura de ferimentos. Neste trecho, os moradores fazem uma relação entre a parte do vegetal utilizada no tratamento de doenças e o fato do fruto ser ou não comestível. Isto é também perceptível no uso da jurubeba-branca, pois durante as entrevistas a casca e o fruto deste vegetal foram apontados para confecção de lambedor para o tratamento de gripe e resfriado. Entretanto, um morador afirmou que apenas a ingestão do fruto ameniza a tosse sintomática. Assim, percebe-se que o uso ou não do vegetal para a alimentação auxilia na classificação da planta medicinal. Logo, as classificações dos recursos naturais são influenciadas por questões sociais, pois os objetos são classificados levando em consideração as relações sociais existentes em determinado grupo e no espaço que este habita (LÉVI-STRAUSS, 2008).

A batata-de-purgo é considerada um purgante (purificante) e serve para o tratamento de doenças estomacais. Por último, o juá foi relacionado ao tratamento de doenças do couro cabeludo – caspa – e contra parasitas do mesmo – piolho.

No relato das diversas possibilidades de usos dos vegetais para o tratamento e cura de doenças e até mesmo para a indução do aborto, percebe-se a construção de uma consciência que reconhece a possibilidade das relações de dependência entre a sociedade e a natureza. Esta construção de consciência é, pó si só, educação ambiental (FIGUEIREDO, 2007).

Alguns entrevistados relataram que os remédios caseiros que possuíam maior importância para a comunidade no passado, justificando com a falta de assistência médica na época:

De primeiro os doutor era só remédio caseiro. Num tinha doutor. (...) Hoje nos já tamo vendo. Graças a Deus, a gente só morre a míngua se quiser. Se Deus quiser” (Jenipapo-Kanindé, 76 anos).

A utilização de plantas medicinais pelas populações tradicionais é comum. Isso visto, que o acesso dessas populações a posto de saúde e a medicamentos nem sempre é fácil. Na aldeia Jenipapo-Kanindé, existe atualmente um posto de saúde. No entanto, há cerca de vinte anos, a rede



pública de saúde não era acessível para os índios desta aldeia. Assim, a única alternativa era a utilização das plantas para o tratamento de doenças, proporcionando uma riqueza de conhecimentos sobre as propriedades medicinais das plantas. É possível que os jovens índios Jenipapo-Kanindé não sejam portadores de tanto conhecimentos sobre as plantas medicinais quanto os idosos, haja vista que os medicamentos farmacêuticos são de fácil acesso hoje em dia para a comunidade.

Nestes termos, com relação aos conhecimentos etnoecológicos e etnobotânicos, os idosos continuam sendo importantes principais educadores ambientais para a comunidade. Logo, a valorização dos idosos na comunidade é uma medida importante para que os saberes tradicionais não se percam com o tempo. Este é um anseio dos professores da Escola Diferenciada Indígena Jenipapo-Kanindé, que acreditam que o resgate desses saberes e a aplicação destes em sala de aula faz-se necessário para o ensino de ciências e a educação ambiental dos jovens da comunidade. Assim, como apontado pelos professores, um programa de educação ambiental para essa comunidade precisa ser pautado nos conhecimentos etnoecológicos comunitários e valorizar o idoso como detentor principal destes saberes. Neste programa, os professores indígenas Jenipapo-Kanindé, juntamente com os idosos, devem figurar como os agentes educadores dos jovens, que, como defendeu Paulo Freire (1987), numa relação dialógica com os educandos ensinam e aprendem mutuamente.

CONCLUSÃO

Durante a realização deste trabalho a etnia indígena Jenipapo-Kanindé apresentou indícios de uma educação ambiental de caráter popular expressado na transmissão de saberes etnobotânicos sobre as plantas medicinais ao longo das gerações. Assim, acredita-se que as comunidades tradicionais, entre elas a comunidade indígena Jenipapo-Kanindé, possuem o seu próprio processo de educação ambiental, pautado nos saberes comunitários e concretizado na convivência e nas atividades diárias dessas populações.

Evitando o romantismo ecológico, sabe-se que a populações tradicionais estão expostas a gerarem impactos no ambiente, embora quase sempre em baixas proporções. Portanto, admite-se a possibilidade de elaboração de um programa de educação ambiental formal para além da educação popular ambiental realizada no cotidiano comunitário. No entanto, defende-se que esse programa busque a valorização dos saberes tradicionais, assumindo como principais portadores desses saberes os idosos, que o programa seja realizado principalmente pelos componentes da comunidade, evitando-se assim a dependência de um agente externo a esta.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, K. D. **Methods of Social Research**. 3. ed. London: Free Press, 1987.

BARELHO, C. & CORPETINO, M. S. Uma introdução ao conhecimento ecológico tradicional como instrumento para o estudo da ecologia no estuário da Lagoa dos Patos/RS. Congresso de Ecologia do Brasil, VIII, 2007. In: **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**. Caxambu: SBE, 2007.

BRANDÃO, C. R. Educar, ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: PRADO, E. V. *et al.* **Caderno de Extensão Popular: Textos de Referências para Extensão Universitária**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

CARVALHO, I. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília MMA, 2004.

DIEGUES, A. C. S. **A construção da etno-conservação no Brasil**: o desafio de novos conhecimentos e novas práticas para a conservação. São Paulo: NUPAUB – USP, 2007.

FIGUEIREDO, J. B. A. **Educação Ambiental Dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina, 1ª ed, Fortaleza: Editora UFC, 2007.

FREIRE, R. N. P. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. 8. Ed. Campinas: Papirus Editora, 2008. Título original: *La pensée sauvage*.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MUNHÔZ, M. G. **Saber indígena e meio ambiente**: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, H. A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTANA, R. H & GRANDO, B. S. Povos tradicionais e meio ambiente: educação ambiental numa perspectiva intercultural em Cáceres-MT. Fórum de educação e diversidade, III, 2008. Caderno do III Fórum de educação e diversidade. Tangará da Serra: NEED, 2008.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

SOUSA, C. K. S. **Identidade, cultura e interesses: a territorialidade dos índios Jenipapo-Kanindé do Ceará.** 2001.153 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

_____. Propaganda Ideológica, Mídia e Cultura Indígena no Ceará. **Comunicação e cultura.** Fortaleza: Fortaleza Premium, p. 125-140. 2007.

ROUÉ, M. Novas perspectivas em etnoecologia: “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: CASTRO, E. & PINTON, E. (orgs.) **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente.** Belém: Cejup-UFPA-NAEA, 1997.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.** Rio Claro: SBEE, p. 11-29, 2002.

